

# JOÃO TORDO

ÁGUAS  
PASSADAS

THRILLER

Entre os dias 17 e 28 de Janeiro de 2019,  
na área da Grande Lisboa, choveu mais  
do que entre todos os dias 17 e 28 de todos os Janeiros dos  
setenta e sete anos anteriores

«Oh! Ahab», cried Starbuck, «(...) Moby Dick seeks thee not. It  
is thou, thou, that madly seekest him!»  
*Moby Dick*, Herman Melville

# PRIMEIRA PARTE

## Madrugada de 17 de Janeiro de 2019

Parecia tão triste. Quando a vi, achei que era a sua filha que ali estava, deitada na areia molhada. Ajoelhou-se à beira-mar, as pernas a roçarem os seixos, as conchinhas afundadas, os joelhos enterrados na humidade de Janeiro, a contemplar a morte.

Fazia muito frio, muito vento, e o cabelo dela esvoaçava, ocultando-lhe o rosto de pessoa em aflição. De luvas calçadas, prendeu o cabelo atrás da orelha com a ponta dos dedos (gesto vão, mas bonito) e observou a rapariga derramada no areal. O rosto inerte da morta a olhar para o céu de tumulto. Olhos vazios, da consistência da espuma. A pele azulada dos afogados. A maré trouxera-a, deixando-a ali, à beira-mar, como uma criatura que o oceano rejeitou. Era uma rapariga muito jovem, pensei, mas, ao mesmo tempo, tinha o aspecto de uma velha, parecia-se com aquela gravura de Goya chamada *Le Repentir*, a boca aberta e uma expressão de tormento, como quem expira suplicando.

Eu não sabia nada sobre a afogada. A mulher aproximou-se de mim na praia e, sem me olhar, enfiou os polegares no cinto e disse:

“Vou querer falar consigo mais tarde.”

“Está morta há muito tempo, a miúda?”

“Não conseguimos saber ainda”, respondeu ela. Usava um oleado azul-escuro que lhe chegava aos joelhos.

“Conhecia-a?”, perguntei.

A mulher levantou o rosto e perscrutou-me com aquelas duas esferas cinzentas, melancólicas como os olhos dos peixes ou dos cães quando se aproximam do fim — como eu o sei, tenho saudades infinitas do meu!

“Claro que não, fui destacada para este serviço há menos de uma hora, como é que a podia conhecer?”

A maré ia e vinha. O som era o de um aplauso, milhões de pequenas mãos batendo palmas, ao frio. Contemplei a dureza dos olhos dela. Tapado pelo oleado, do lado direito do peito, o nome sobre a farda: *amor*. Compreendi logo que não era dureza nenhuma, que aquela fachada de invulnerabilidade se desmoronaria quando o segundo cadáver surgisse.

Porque haveria um segundo cadáver. Claro que sim.

Há sempre.

17 de Janeiro de 2019

Os tempos mortos levaram-me a descobrir que sou um melancólico, que sofro da mesma condição que Tolstoi. Aos sessenta e oito anos, caí num estado de perplexidade perante a natureza da vida, e o mundo começou a parecer-me remoto, sinistro. Como se vivesse num outro século, tal como o paciente de um asilo de que fala o filósofo William James; um véu espesso altera a consistência das coisas, as pessoas movem-se como sombras, os sons provêm de um lugar distante.

Sem querer arvorar-me em génio, digamos que entre mim, naqueles dias de Janeiro, e o escritor russo existia, pelo menos, o paralelo de uma *condição* — essa queda em perplexidade, como se, de repente, não soubéssemos como viver ou que fazer da vida. As coisas que antes tinham sentido deixaram de o ter; as perguntas fundamentais — “Porquê?”, “E agora?”, “Que faço eu de mim?” — brotaram do terreno fértil da dúvida, sinais de uma mente assaltada pela angústia. O simples facto de colocarmos essas questões é a demonstração desta patologia.

«Senti que algo de que a minha vida sempre dependera se quebrara dentro de mim», escreveu Tolstoi num livro que tenho lido, à noite, para me consolar, quando dos penhascos chega apenas o desfazer das ondas contra a rocha, «uma força semelhante à minha antiga vontade de viver, mas na direcção oposta. Era a vontade de todo o meu ser de abandonar esta vida.» O russo reconhece, contudo, que era um homem feliz: gozava de boa saúde; tinha uma mulher que o amava e a quem amava; tinha filhos, uma propriedade, o respeito e a admiração dos seus leitores.

Contudo, escondia a corda com medo de se pendurar das vigas do tecto.

Eu não tenho nada disso. Não detenho propriedades — somente esta pequena casa em terra-de-ninguém, entre a Azóia e a Biscaia, onde a terra acaba e o mar começa. Não tenho família, nenhuma espécie de notoriedade; nem sequer possuo uma corda. O meu cão morreu há seis meses, e falta-me tanto o raspar das suas patinhas na porta do meu quarto, as lambidelas no rosto. Naqueles dias, acordava muito cedo, ainda antes de o Sol aparecer tímido sobre o mar, e o peso no coração fazia-me ponderar que talvez fosse altura de declarar um fim àquela existência. Indo do quarto à cozinha, em cuecas e uma camisola grossa, observava, enquanto a chaleira aquecia a água, as minhas pernas finas, as costas enrugadas das minhas mãos. No pequeno espelho da casa de banho, o meu rosto degradado: olheiras fundas, os cantos da boca descaídos, o pouco que me restava do cabelo cinza muito ralo, desgrenhado (desde os quarenta anos que tinha a “boina rota”). Dentro de mim, a mesma vontade do russo — pôr fim a este absoluto desencanto com a vida comum.

*Restitutio ad integrum.* Seria possível? Certamente que não, concluí, enquanto a chaleira iniciava o seu chiar e eu lavava a cara com água tépida, tremendo de frio. Há um limite para o tempo que se pode viver intoxicado, ébrio de vida; ao cair em sobriedade, é inevitável constatar que tudo foi um estúpido logro. Tanto engano, meu Deus! Quão *ridículos* somos. Tolstoi, ao menos, encontrou o Homem Lá de Cima. A sua restituição foi-lhe concedida pela intervenção divina. Eu não O conheço; nunca se me apresentou. Julguei, durante aqueles dias tão difíceis, que a minha restituição nunca chegaria. Naquele Janeiro, ao pegar na chávena de café, com mãos trementes, o meu desejo

era cair da falésia e ser levado pelo mar; o suicídio era o único corolário lógico de tamanha desgraça.

Curiosamente, foi o mar que me devolveu a esperança. Ela chegou na forma da crueldade, do horror. Curioso, não é? Que de um acontecimento funesto nasça a possibilidade de sentido.

Fui eu quem a descobriu, à afogada, no meu passeio matinal pela arriba. E a culpa nasce precisamente daí — de o meu temperamento melancólico se alimentar positivamente da morbidez; de o sofrimento ser o seu húmus mais fértil. Ao encontrar o cadáver, a minha vida ganhou novo alento.

Vergonhosamente, desabrochei.

*Vou querer falar consigo mais tarde.*

E assim foi.

Entre, agente *amor*, disse eu, na minha cabeça. Mas, na verdade, o que lhe disse foi:

“Quer um chá?”

“Agradeço”, respondeu.

Entrou. Tirou o boné azul-escuro, segurou-o na mão direita.

“Pode pousá-lo ali, em cima da mesa”, adiantei.

“Não é fácil chegar até aqui.”

“Ainda bem que assim é”, respondi.

Ela tinha razão. A minha casa ficava a norte da Biscaia, paralela à N247. Para lá chegar, era necessário deixar o carro na berma da estrada e percorrer meio quilómetro a pé: a única



habitação num terreno vasto, os montes cobertos de erva rasteira, rochas, caminhos pedestres, as falésias que conduziam ao mar bravo do Inverno. A casa, feita de pedra, forrada a madeira — um quarto interior, sala e cozinha numa só divisão, uma casa de banho com uma janela minúscula de onde se avisava a capela de Nossa Senhora da Peninha — era demasiado pequena para duas pessoas.

“Anda escondido?”

Devo ter sorrido com um ar matreiro, porque ela observou-me com maior atenção.

“Ouviu o que lhe perguntei?”

Eu estava de costas para a agente *amor*. Na chaleira, a água continuava a ferver. Um silvo atravessou o silêncio, sobrepôs-se ao ruído de fundo da chuva lá fora.

“Quer saber como encontrei o corpo, é isso?”

Ela tirou um bloco de notas do bolso das calças. Segurou-o com a mão direita, enfiou o polegar esquerdo no cinto. Ainda tinha as roupas molhadas: o azul da Polícia era quase negro. As botas enlameadas tinham deixado pegadas no chão de madeira. O cabelo despenteado, castanho-claro; sardas; olhos perdidos, famintos. Magra que nem um corvo.

“Sente-se”, pedi-lhe, com doçura. Ela olhou para as duas cadeiras em torno de uma mesa simples. Voltou uma delas ao contrário e sentou-se com os braços por cima do espaldar da cadeira. Despiu o casaco enquanto eu pousava a chávena de chá à sua frente. Finalmente, vi-lhe o nome completo na chapa de identificação.

“Pilar Benamor”, li, em voz alta.

“Prefiro que me trate por subcomissária”, disse ela. “E sim, quero saber.”

Sentei-me na outra cadeira. Era tão estranho ter alguém ali, comigo, que quase ouvi os latidos do Simples. O meu cão

ladrava sempre que eu deixava a porta aberta e ele ia ao exterior buscar o seu velho osso de plástico.

“Subcomissária”, repeti, “eu não *encontrei* o corpo, digamos que o avistei do cimo da falésia. Todas as manhãs dou um passeio antes de o Sol nascer, um hábito que me ficou dos tempos em que...”

“... em que tinha um cão?”, perguntou ela.

“Como é que sabe?”

Pilar apontou para a tigela prateada que permanecia a um canto da sala, ao lado de uma velha guitarra sem cordas encostada à parede. Não me lembrava de que a tigela continuava ali.

“Há quanto tempo é que ele morreu?”

Sorri. Provei o chá: estava demasiado quente, escondendo o sabor da camomila. Nesse instante, ocorreu-me que um homem chega a um ponto em que tudo está escrito no seu rosto ou nos seus gestos; ou na tristeza do seu rosto, ou na lassidão dos seus gestos. O cão morreu. Não existe mulher, talvez filhos distantes. Uma solidão sem fim.

“Há algum tempo”, respondi, “mas não tanto quanto isso.”

Ela ainda não tocara no chá. Reparei que o lábio lhe tremia ligeiramente.

“Tem frio?”, perguntei.

Abanou a cabeça em negação.

“O que precisa de saber mais?”

“Avistou-o da arriba, portanto?”

“Sim. Quando acordei, tive vontade de ir à capela da Peninha, mas depois reconsiderei. Fui até ao farol. Apetecia-me uma longa caminhada, esticar as pernas.”

“Mas a estrada que conduz ao farol vai pelo interior.”

“Para quem tem necessidade de estradas ou caminhos”, respondi. Ela olhou para a porta, junto da qual estavam as

minhas botas de caminhar, as solas cobertas de lama solidificada. “Quando se aprende a galgar os montes, aprende-se a caminhar em todas as direcções. Portanto, fui para noroeste, passei pelos moinhos, queria andar o mais possível encostado ao mar, faz-me falta vê-lo, ouço-o o dia todo, é verdade, mas não há nada como vê-lo.” Tossi, voltei a provar o chá: quase no ponto. Pilar olhava-me sem expressão, a boca ligeiramente entreaberta. Uma boca bonita, quase de criança; tudo o mais era de um adulto desapontado: os olhos de pálpebras algo descaídas, uma expressão de derrota, ou de mágoa (talvez ambas); o cabelo revolto, emaranhado, apanhado atrás por causa do boné.

“Portanto, viu o corpo cá de cima. E o que é que fez?”

“A praia de Assentiz não é de fácil acesso. É uma escarpa, quase não tem areia, só rochas e pedregulhos”, respondi. “Caso contrário, teria ido lá abaixo verificar primeiro. Mas o dia despontara, e era óbvio que se tratava de um cadáver.”

“Óbvio?”

“O corpo ali, na rebentação, imóvel, largado nas pedras pelo mar. A flutuar na maré baixa. Sim, era óbvio. Nem precisei de descer.”

“Que horas eram?”

“Talvez sete e meia, por aí.”

Ela consultou o bloco de notas.

“Mas aqui diz que a sua chamada para a 50.<sup>a</sup> esquadra só aconteceu às oito e doze.”

“Claro, tive de caminhar até à Azóia. Encontrar um café que tivesse um telefone, etcétera.”

“Não tem um telemóvel?”

Ergui os braços em rendição.

“Lamento. Pertenço à velha guarda.”

“E depois regressou à praia onde estava o cadáver. Porquê?”

“Curiosidade.”

“Os mortos interessam-lhe, é isso?”

Que lhe terá acontecido?, indaguei-me. A subcomissária não podia ter mais de trinta anos. Era uma jovem bonita — ou assim seria, caso cuidasse do seu aspecto — e, no entanto, era como se já tivesse vivido mil anos e a existência lhe fosse um fardo insuportável.

“Estou na lista dos suspeitos, subcomissária?”

“Toda a gente é suspeita.”

“Há a presunção de inocência.”

“Isso é a lei”, respondeu ela. “A investigação de um crime deve obedecer-lhe, mas o que aprendemos é que, na ausência de um álibi sólido, invulnerável, todos os que orbitam em redor de um homicídio estão sob escrutínio.”

“Foi isso que lhe ensinaram na academia?”

“Porquê?”

“É o seu primeiro homicídio, não é?”

Ela fechou a boca. Ficou rígida, defensiva, como se eu a tivesse posto em causa. Fitou a tigela do Simples.

“Há quanto tempo é que o seu cão morreu?”,olveu.

“Seis meses.”

“Durante o Verão, portanto.”

“Sim. Em Julho.”

“Como é que ele se chamava?”

“Como é que sabe que era um *ele*?”

“Os homens solitários costumam ter cães.”

Ri-me. Soprei para o chá em tons de cobre. Lá fora, a chuva recomeçava.

“É outra coisa que aprendem na academia? Que os *homens solitários têm cães*?”

“O que é que faz, senhor Gusmão?”

Fiz uma pausa, inspirei. Apontei para o chá dela. Pilar abanou a cabeça daquela maneira que vim a perceber ser o seu jeito muito próprio de recusar.

“*Guzmán*”, corriji.

“Como?”

“Nasci em Espanha. Chamo-me *Guzmán*.”

“O nome que nos deu foi ‘Cícero Gusmão’.”

“Bom, na verdade, é Cícero *Guzmán*. Mas todos me tratam por Gusmão. A minha mãe era portuguesa, mas o meu pai era madrileno até mais não. Infelizmente, dizia ele, apaixonou-se por uma portuguesa tímida e viveu grande parte da sua vida neste país. Claro que o nome Cícero tem raízes na História dos romanos, mas nunca investiguei isso a fundo... Alguém disse que Cícero não era o nome de um homem, mas da própria eloquência.”

“O que é que faz, senhor *Guzmán*?”

“Sou reformado.”

“O que é que fazia, então?”

Hesitei. Bebi um gole do chá, sorri. Ouvia a chuva a cair lá fora e isso apaziguava-me. Pensei na noite; naqueles momentos antes de adormecer, quando escutava a água a despenhar-se do céu — caindo sobre o mar, o farol, o Cabo da Roca, o Convento de São Saturnino, a capela, as praias, as dunas, as antigas casas de pedra, as falésias — era um bálsamo para tudo o que de agreste havia neste mundo.

“Tinha uma loja de bicicletas em Colares.”

“Uma loja de bicicletas.”

“Foi isso que eu disse.”

Ela apontou qualquer coisa no caderno.

“Lidava com pessoas diariamente.”

“Sim.”

Pilar levantou-se da cadeira. O chá intocado. Foi até à janela, que dava para os vales cobertos de vegetação rasteira, o oceano ao fundo. Por vezes, à noite, eu conseguia ouvir-lhe o rumor: uma massa de água tão forte, que agitava os alicerces da Terra.

“Isto é um lugar bastante isolado para quem costumava lidar com pessoas.”

“Gosto de estar sozinho.”

Ela tocou na janela com a ponta dos dedos. Dedos muito finos, mãos pequenas. Frágeis. Imaginei-a a empunhar um revólver com aquela mão, e como o objecto pareceria desadequado ao tamanho da palma.

“Sabe de onde vem a palavra *Azóia*?”, perguntei. Pilar voltou-se e encarou-me. Abanou a cabeça em negação, três vezes, muito rápido. “Dizem que tem origem árabe, na palavra *az-zâwiya*, que significa ermida ou capela, o lugar onde está enterrado um santo. Ou um marabuto, outra palavra árabe para designar um eremita.”

“O que é que isso tem a ver?”

“Digamos que este é o lugar onde eu estou enterrado.”

Ela franziu o sobrolho. Instintivamente, enfiou os polegares no cinto. O pólo azul-escuro reconquistava a sua cor; Pilar tinha seios pequenos, o *soutien* dava-lhes relevo na figura demasiado estreita.

“Considera-se um *santo*, senhor Guzmán?”

Tornei a sorrir e olhei para a chávena que tinha entre as mãos. O chá esfriara.

“Talvez um eremita.”

“Como é que ocupa o seu tempo?”

“De manhã, vou passear. Depois, passo o resto do dia a ler. De vez em quando, encontro cadáveres na praia.”

Ela olhou em redor. Avistou uma pilha de livros no chão, ao lado da lareira que eu nunca acendia, porque gosto do frio, dos casacos grossos, das mantas.

“O que é que lê?”

“Tolstoi, sobretudo.”

Pilar ficou em silêncio. Depois perguntou:

“Porquê Tolstoi?”

“Porque era um melancólico, tal como eu.”

“Defina *melancólico*.”

Encolhi os ombros, cruzando os braços sobre o casaco de malha.

“Alguém com consciência da mortalidade.”

“Toda a gente sabe que vai morrer.”

“Saberão, Pilar?”

Ela fitou-me com ferocidade; depois o seu rosto amenuzou-se. Tornou a sentar-se na cadeira.

“Tolstoi dizia que estava *doente de vida*”, prossegui. “Morreu de pneumonia na estação de comboios de uma vila remota da Rússia, depois de abandonar a família a meio da noite, deixando para trás uma carta na qual dizia que estava a fazer aquilo que os homens da sua idade normalmente fazem: abandonar a vida mundana e passar os últimos dias em solidão e quietude.” Respirei fundo. “Atrevo-me a corrigi-lo: não todos os homens, mas certamente os melancólicos.”

Ela moveu-se na cadeira, desconfortável. Tornou a pegar no bloco de notas.

“Porque voltou à praia de Assentiz?”

“Curiosidade, já lhe disse.”

“Curiosidade mórbida?”

Não consegui evitar rir-me.

“Quanto atrevimento, subcomissária.”

“Responda à pergunta.”

“Houve um pormenor que me chamou a atenção.”

“Qual?”

Inclinei-me para a frente na cadeira. Pousei os cotovelos nos joelhos, olhei para a água que descia como uma cortina pela janela.

“Os olhos do cadáver”, disse eu. “Ou a ausência deles.”

Pilar baixou o olhar e bateu duas vezes com a caneta no bloco.

“Estava à distância, pode ter-se enganado.”

“Posso”, concordei. “Mas não me enganei, pois não?”

“Ainda não temos quaisquer resultados da perícia.”

“A menos que existam nestas águas peixes muito curiosos, com um apetite particular pelos globos oculares dos humanos, estamos a falar de um homicídio bastante cruel.”

Ela levantou-se e começou a guardar o bloco de notas no bolso das calças.

“Lamento pelo seu cão”, disse Pilar.

“Oh”, respondi eu. “São águas passadas.”

“Talvez devesse tirar aquela tigela dali.”

A agente vestiu o casaco. Ficava-lhe demasiado grande. Lembrei-me dela na praia, o oleado a enfumar, o cabelo a bater-lhe no rosto.

“Foi isso que a entristeceu, não foi, senhora agente?”

“O quê?”

“Os olhos da rapariga. Ou a falta deles.”

“Porque é que insiste nisso, senhor Guzmán?”

Alguma coisa dentro de mim desfaleceu. Ela não sabia — como é que podia saber?

“Já ouviu falar de Édipo?”

Pilar franziu os lábios. Pareceu que ia dizer qualquer coisa, mas ficou calada.



“Matou o pai, casou com a mãe”, acrescentei. “Sem saber quem eram. Ao descobrir o que tinha feito, arrancou os próprios olhos com alfinetes.”

“Que tragédia.”

Pronunciou as palavras com uma entoação neutra, como quem diz que está a chover.

“Provavelmente, estará a perguntar-se o que tem Édipo a ver com isto.”

“O cadáver é de uma rapariga, Édipo era um homem”, insistiu ela, sem mostrar qualquer emoção. Puxou o fecho-éclair do casaco da Polícia. “Talvez haja mesmo peixes canibais por estas bandas, senhor Gúzman.”

“Trate-me por Cícero.”

Soergui-me para a levar à porta. Ela fez um gesto para que eu permanecesse sentado, dispensando a cortesia.

“Talvez precise de voltar a falar consigo”, advertiu.

“Já sabe onde me encontra.”

“Agora tenho um corpo na morgue que precisa da minha atenção.”

E cedo terá dois, pensei. Mas nada disse; limitei-me a sorrir enquanto aquela figura esguia, tão parecida com uma miúda — tão frágil, tão bela —, saía pela porta da minha casa, onde nunca ninguém tinha entrado antes.

18 de Janeiro de 2019

“Falaste com o homem?”

Pilar assentiu com a cabeça. Olhava fixamente para o ecrã do computador.

“O que é que ele disse?”

“A eloquência em pessoa”, respondeu, distraída.

Não olhou para Laércio, que se sentou do outro lado da mesa. Se tivesse olhado, repararia que este tinha o distintivo do ombro esquerdo descosido. Laércio respirou pesadamente; Pilar habituara-se às suas prolongadas exalações, ao cheiro constante a café, ao sotaque meio brasileiro, ao mau humor.

“Porra”, disse ele, agitando o rato do computador.

No ecrã, Pilar leu:

*Édipo revela a profecia que o levou a deixar Corinto: “Escuta. Lóxias disse-me outrora que dormiria com minha própria mãe e que derramaria com minhas próprias mãos o sangue de meu pai.”*

“A eloquência o quê?”

Ela olhou por cima do ecrã. Laércio tinha a barba por fazer, as roupas amarrotadas; exalava aquele estranho perfume dos insones, ou dos que passavam a noite no calabouço da Polícia de Segurança Pública de Cascais.

“O que te aconteceu, pá?”

“Turno da noite, o que é que achas?”, respondeu ele.

Pilar lembrou-se dos turnos da noite. Rixas domésticas, problemas à porta de discotecas, apreensões de droga, horas de sono interrompido, café, bolos com açúcar para combater

a inércia, uma ou outra tentativa de suicídio. Por alguma razão, os suicidas preferem a noite.

“E podes tratar-me por *agente principal*.”

“E tu podes tratar-me por *subcomissária*”, respondeu ela.

“Parabéns pelo teu posto de secretariado”, disse Laércio. “Hei-de ler os teus relatórios com toda a atenção quando me reformar.”

Pilar sentiu a agulha da provocação. Sabia muito bem que ele tinha razão. Ter subido de posto rapidamente, galgando a hierarquia em menos de três anos, revelara-se um pau de dois bicos. Ganhava melhor, era verdade; mas passava muito mais tempo na esquadra, longe da acção. Naquela manhã, Laércio e Costa — ainda e sempre *agentes*, pródigos nas suas funções de patrulha — teriam sido os primeiros a acorrer à praia de Assentiz, se não tivessem estado no Cabreiro por causa de um assalto a uma propriedade.

Pilar descentrou-se do ecrã.

“Como é que sabias do homem?”

Laércio esfregou os olhos. Olheiras profundas no rosto moreno, cadavérico.

“Cruzei-me com o Donato, ele pôs-me a par. Disse que havia um mirone no cimo da falésia e que tu tinhas ido lá falar com ele.”

Júlio Donato era o oficial de ligação. Liderava a equipa de perícia e transportava os corpos para a sala de autópsias da morgue do Cemitério Municipal da Guia, a três quilómetros da esquadra. Era, também, um dos maiores linguarudos da PSP. Tudo o que se sabia e não devia saber-se vinha da boca de Donato, cuja principal função dentro do “velho edifício amarelo”, a Divisão Policial — agora uma esquadra moderna de vários pisos, com capacidade para quarenta agentes por turno

e trinta e dois quartos, a estrela de seis pontas recortada contra a fachada branca do edifício —, era assegurar-se de que tudo se sabia por portas travessas.

“Ele sabe quem é a vítima?”

“Parece que era filha de um ricoço qualquer.”

“Foda-se”, disse Pilar.

Levantou-se. Sentiu-se mareada por um momento; o mundo oscilava perigosamente, como no convés de um baleeiro à deriva. Laércio observava-a. Tornou a sentar-se. No motor de busca, voltou a escrever: *Complexo de Édipo*. Mandou imprimir e depois atravessou o gabinete e foi buscar a folha. À saída, cruzou-se com Costa, que usava óculos escuros.

“Calma, xerife”, disse Costa. Pilar quase esbarrou com ele. Costa era o mais alto e corpulento dos policiais da esquadra: um metro e noventa e um, cem quilos. Para o encarar, ela tinha de dobrar o pescoço e erguer a cabeça. Não fez o esforço.

“Sai-me da frente”, disse, entredentes.

Com a folha na mão, atravessou o corredor. À direita, o dormitório, onde os agentes com os turnos da noite repousavam. Nenhum corpo deitado; ela imaginou que Costa tivesse acabado de se levantar. Oito e trinta e dois no relógio de pulso. Desceu as escadas. Maldito edifício, pensou; maldito edifício filho da puta, onde tudo era distante e asséptico, onde se calcorream intermináveis corredores de pedra e escadas e elevadores patéticos que avariavam a cada três meses, onde os agentes e comissários e chefes e intendentos tinham de andar à procura uns dos outros. A antiga esquadra era um pardieiro, condições sub-humanas, mas toda a gente estava a um grito de distância.

Avançou pelo corredor do terceiro andar com a fúria a invadi-la. Também ela não dormira; escondera as olheiras com um pouco de maquilhagem, mas nada funcionava: o cérebro era uma

nuvem negra e lenta, que disparava mensagens negativas. Uma dessas mensagens dizia-lhe que desistisse; era tão fácil pôr fim a tudo aquilo. Várias vezes por dia, ouvia essa voz terrível. Quanto tempo é que uma pessoa consegue suportar tamanha crueldade?

Entrou em dois gabinetes onde não reconheceu ninguém. Tornou a sair. As pessoas olhavam-na com estranheza; os colegas viam-na como uma rebelde, e ela sabia-o, ainda que, no fundo, as suas atitudes nascessem do medo e não da insubordinação. Pilar Benamor, a subcomissária. Ninguém acreditava, todos sussurravam nas suas costas que aquele era um posto imerecido. Corriam boatos de que a sua subida na carreira se devia ao facto de o pai ter sido um polícia com história na PSP. Outros rumores, mais cruéis, sugeriam que o impulso fora conseguido às custas de uma boca particularmente dotada para o prazer masculino.

Ao descer o lanço de escadas para o segundo andar, cruzou-se com a outra vítima desses rumores ridículos, infundados.

“A pressa é inimiga da perfeição”, disse o capitão Garcia.

Todos lhe chamavam “capitão”. Era assim que ele gostava, embora o seu grau na hierarquia fosse de superintendente. A palavra era demasiado longa e irritava-o, advertira. Apesar de sessentão, Garcia continuava a ser um homem bonito. Talvez o homem mais bonito da esquadra: cabelo grisalho, magro, olhos verdes. Um aspecto geral de aprumo. Intrigante, devido aos seus longos silêncios. Era comum que um agente, ou um subcomissário, ou um subintendente, fosse falar com o capitão — carecendo de uma resposta, de uma ordem — e este anuísse à pergunta com um “hum-hum” e se remetesse ao silêncio; a resposta chegaria mais tarde.

Pilar sentiu a mão de Garcia no seu braço. Tranquilizando-a. Quis fechar os olhos, respirar fundo. Dormir aninhada nos seus braços.

“O caso é meu, capitão”, disse ela.

“Qual caso?”, respondeu Garcia.

Soltou-lhe o braço. Estavam a meio caminho entre um e outro andar, por eles passaram dois agentes do turno da manhã que fizeram continência ao capitão.

“O cadáver na praia de Assentiz.”

“Porque é que não mandou os rapazes?”

*Os rapazes*: maldita expressão. Apeteceu-lhe gritar que não existia nenhuma entidade com esse nome, que *os rapazes* era uma forma de machismo, de gozar com o trabalho honesto de todos aqueles que não eram homens e davam a vida por aquela profissão.

“Não havia ninguém disponível, foi mesmo na mudança de turno.”

“O Costa e o Laércio?”

“Estavam numa chamada no Cabreiro.”

O capitão esfregou a barba por fazer. Pilar ouviu o rascar dos dedos na pele, como lixa numa parede quente, e sentiu um frémito. Ficou ligeiramente molhada, logo ali. Não queria. Mas também não conseguia evitá-lo. O rubor chegou-lhe ao rosto: aquela vermelhidão familiar, que precedia o prazer.

“Quando eu era subcomissário, esta coisa dos turnos não existia”, disse Garcia. “Havia sempre um agente disponível. E, se não havia, arranjava-se alguém. Ligávamos-lhe para casa, acordávamo-lo, íamos buscá-lo à tasca. Chamávamos-lhes *os pretos*. Coisas de outro tempo, racismo. Os *pretos* eram os primeiros a chegar à cena, ao local do crime. Nem pensar, um subcomissário chegar antes deles.”

Voltou a coçar a barba. Fez um silêncio prolongado que enervou Pilar.

“Está a tratar do problema, subcomissária?”

Ela teve de pensar duas vezes na pergunta. Depois, percebeu a que se referia o capitão.

“Sim, capitão, estou. Mas...”

“Isso é importante”, interrompeu ele. “Que esteja a tratar do problema. Posso estar descansado?”

“A questão agora não é essa, capitão.”

“O caso não é seu.”

“Fui a primeira a chegar à praia.”

“Lá por eu ser o primeiro a chegar às Finanças não quer dizer que seja o primeiro a ser atendido.”

“Não percebo a comparação.”

O capitão começou a subir as escadas. Não sabia como era o seu rosto quando falava com Garcia, mas imaginava uma expressão de raiva ou desespero.

“Não se apoquente, subcomissária. Siga os trâmites. Faça como diz nos livros, e há poucas hipóteses de se enganar.”

“Viu o Donato, capitão?”

“Está lá fora, no pátio.”

Pilar fez continência e ia continuar a descer para o segundo piso, mas o capitão tornou a chamá-la.

“Subcomissária Benamor”, chamou-a, na sua voz grave, bonita. Ela estremeceu por dentro. Voltou-se e fitou o superior, três degraus acima.

“Sim?”

“Aprenda a largar as coisas”, disse ele. “Para seu bem. Não se esqueça de como chegámos até aqui.”

Envergonhada, continuou a descer as escadas. Sabia como tinham ali chegado, e isso ainda lhe trazia vergonha. Uma promoção a subcomissária em vez de um despedimento. Se Garcia não existisse, ela estaria desempregada, provavelmente a penar numa imobiliária ou num *call-center*. Em vez disso

— contra todas as probabilidades —, fora elevada em mérito, em salário e em responsabilidade. Contudo, não conseguia pensar em si dessa maneira: uma semiburocrata que dava ordens, que enviava agentes ao local do crime, que distribuía encómios e reprimendas, que tratava de papelada. Continuava a ser ela mesma, Pilar, filha de um polícia de giro, viciada em acção.

Irrompeu pela porta que dava para o pátio exterior. Fazia um frio incrível, aquele era um Inverno quase polar. O vento cortava a pele, infiltrava-se através das roupas, arrastava folhas secas pelo empedrado; esbarrava contra a enorme parede de andares, fazia ricochete, revoltado. O cheiro da maresia chegava ali, a baía não distava quinhentos metros. Avistou Donato imediatamente: estava encostado à parede suja, cigarro entre os dedos, em calças da PSP e *T-shirt* branca, como se não estivessem sete graus de temperatura máxima. Conversava com uma das telefonistas, cujo nome Pilar não recordava.

“Donato, quem é a vítima?”, perguntou Pilar, avançando na direcção dele, mas as palavras foram levadas pela ventania.

“... domingo à noite, e o que é que descubro? Que a tipa é casada. Uma puta casada, já imaginaste?”

“Donato”, repetiu Pilar.

A telefonista também fumava. Olhou para a subcomissária com algum desprezo, o inconfundível traço de suspeita que pairava sobre o seu carácter.

“O quê?”, perguntou Donato.

O vento levantou-se, ainda mais forte. O cabelo cobriu o rosto de Pilar, o impermeável esvoaçava, sentiu que por pouco não caiu para trás com a força da rajada.

“Merda para isto”, disse ela, afastando o cabelo do rosto. Donato arrancou-lhe o papel das mãos.



“Complexo de *Épido*”, leu. “Designa o conjunto de desejos amorosos e hostis blá-blá-blá com relação à sua mãe blá-blá-blá, e também ocorre nas meninas em relação ao pai...”

Pilar resgatou a folha. A telefonista tapou a boca com a mão, disfarçando o riso.

“Não tornes a fazer isso, idiota.”

Donato sorriu com dentes amarelados: um sorriso provocador, sinistro.

“Deixa-me adivinhar, é sobre ti e o capitão?” A telefonista riu-se. “As *meninas em relação ao pai*? *Desejos amorosos*? Subcomissária!” Ele levou as mãos à cintura, oferecendo o peito largo ao vento gelado. “Ao menos já temos um diagnóstico, hã? Complexo de *Épido*. Brilhante.”

A telefonista tornou a rir-se. Pilar guardou a folha no bolso do casaco e, depois, deu um passo em frente. Tinha menos cinco ou sete centímetros do que a mulher, que usava demasiada maquilhagem, muito batom. Se havia coisa que ela abominava era uma mulher pintada como um palhaço.

“Põe-te a andar. Agora.”

A telefonista perdeu o sorriso, apagou o cigarro e saiu pela porta que conduzia ao segundo andar.

“Agora nós”, disse Pilar. Donato cruzou os braços, arrogante; ela espetou-lhe um dedo no peito. “Para já, é *Édipo*, idiota. Depois, o complexo das filhas com os pais chama-se *Electra*, mas tu não sabes quem é, pois não? Ou talvez aches que é uma personagem de banda desenhada, que é a única coisa que tu consegues ler.”

“Eu leio”, disse Donato, irritado.

“Sim. Revistas pornográficas, aquelas que a tua mãe encontrava debaixo do teu colchão quando eras um adolescente com esperma a sair-te pelos ouvidos.”

“Subcomissária”, zombou ele, que só podia estar a gelar naquele frio cortante, “isso são ideias pouco adequadas a uma agente da autoridade. Somos inocentes até prova em contrário, nunca ouviste dizer?”

“O que sabes sobre o cadáver, Donato?”

Ele acendeu outro cigarro. Pilar reparou que a mão direita lhe tremia. Também ela, mas por dentro: o confronto deixava-a carregada de adrenalina, que troava pelas suas veias.

“Agora que falas disso, havia uma Electra na banda desenhada”, disse Donato, soprando o fumo para o ar. “Uma ninja, ou coisa do género. Matam-lhe o pai. Pois, era isso. Mais uma pobre rapariguinha apaixonada pelo papá.” Olhou-a com malícia. “Lembra-te alguém?”

“Não te aviso outra vez”, disse Pilar.

“Curiosamente, vê só, é o amor da vida do Demolidor. Que é cego. Olhinhos para que vos quero, tal como a carcaça que deu ontem à costa.”

*Carcaça.* Que palavra horrível, pensou ela. Aproximou-se de Donato. O cheiro do tabaco envolveu-a, o vento afastava-lhe agora o cabelo do rosto.

“Júlio”, disse ela, sabendo que o tratamento pelo primeiro nome o irritava. “Tu vês muitos cadáveres, não vês?”

“Uns quantos.”

“São todos iguais para ti? São todos *carcaças*?”

“Depende. Há mortos muito feios. Esses são os *podres*. Vão directos para a morgue, mais ninguém lhes põe a vista em cima. Também há os *zombies*, aqueles que batem a bota de olhos abertos. Parecem mortos-vivos, um tipo fica à espera de que se levantem a qualquer momento.”

“E a rapariga de ontem é uma *carcaça*?”

“Claro”, respondeu ele. “Ainda tenrinha, boa de trincar.”

“Que idade é que tinha a carcaça, Donato?”

Ele chupou o cigarro com demasiada energia, depois tossiu um pouco. Pilar sentiu-lhe o bafo pesado, de noite sem dormir.

“Quinze.”

“O que é que tu gostavas de fazer aos quinze anos? Lias livros aos quadradinhos, certo? E, no resto do tempo, batias punhetas a pensar na tua prima.”

Donato ergueu um dedo indicador para a subcomissária.

“Ei. A família é território sagrado.”

“Sabes o que é sagrado? Um morto. E a maneira como os tratas diz muito de quem és em vida.”

Ele riu-se: um riso desagradável, os movimentos do rosto acentuando as bexigas. Era um tipo feio e rude, e Pilar detestava-o.

“Ninguém aparece morto por acaso. Tirando os que morrem de velhos, ou de doença, todos os outros têm culpas no cartório. Nunca vi um *podre* ou um *zombie* que não fosse responsável pela sua triste sorte.”

“Achas que uma miúda de quinze anos é culpada de dar à costa sem olhos?” Ele encolheu os ombros. “Julgava que acreditavas na presunção de inocência.”

Já estava: conseguira atingi-lo. Donato ergueu o sobrolho e atirou o cigarro para longe, contra a parede muito alta.

“O que queres de mim?”, perguntou, irritado.

Em tempos, ele tratara-a por nomes indecorosos: *lingrinhas*, *espermatozóide*, *alfinete*. Uma vez, quando ainda estava em formação — cadete do 4.º ano —, ouviu-o chamar-lhe *brochista do papá*. Foi a única vez em que chorou na esquadra, a antiga esquadra, decrépita e soturna, dentro de um cubículo, na casa de banho malcheirosa. Donato derrotava-a e, ao mesmo tempo, dava-lhe força para continuar. Sempre que lhe ocorria desistir, pensava em Júlio Donato: se desistisse, ele venceria.

“Preciso de ver a *carcaça*. E de saber quem é.”

Relutante, ele tirou um bloco de notas do bolso das calças. O dia esfriara ainda mais, o vento revolteava as folhas.

“Chama-se Charlie Qualquer-Coisa”. Donato mostrou-lhe o bloco. O apelido estava riscado várias vezes, como se ele tivesse sido incapaz de o escrever à primeira. *Drexler*, leu Pilar. *Charlie Drexler*. “Está com o Assunção na Guia”, completou ele.

A informação era incompleta, claro: Pilar precisava de saber *como é* que ele a conseguira. Mas sabia que isso ia demorar tempo, que teria de voltar a encostá-lo à parede, espremê-lo, humilhá-lo, e tinha pressa. Sem agradecer, recuou um passo e dirigiu-se à porta que dava acesso ao interior. Antes de a abrir, estacou.

“Ah, e uma puta casada ficava-te a matar”, disse Pilar, tornando a entrar na esquadra.

Conduziu muito acima do limite de velocidade. O coração aos saltos, o pulso acelerado. Devia sentir-se furiosa com Donato, mas a verdade é que a sua raiva se dirigia a Garcia. *O caso não é seu*, repetia-se, castradora, a frase não a deixava, *aprenda a largar as coisas*.

Quantos casos não eram seus? Todos, concluiu, enquanto avançava pela Avenida da República ultrapassando os carros que se desviavam para dar passagem a um veículo da Polícia. Condomínios de luxo, moradias, piscinas e mais piscinas, campos de ténis e de futebol, ruas e avenidas com nomes de reis, supermercados VIP, cabeleireiros japoneses, a Boca do Inferno, o mar à esquerda, a chuva que caía sobre os bairros dos privilegiados, onde nunca acontecia nada. Maridos que secretamente batiam nas mulheres; adolescentes com cinco apelidos que

engravidavam nos carros topo de gama dos namorados; cocaína por toda a parte, a droga dos abastados; mulheres transformadas pelos médicos — narizes novos, seios novos, rugas que desapareciam misteriosamente —, e ela. Uma miúda de Lisboa, do bairro da Misericórdia, ali, no meio de gente que não entendia e que não a entendia. Os bairros periféricos — Cobre, Fontainhas, Alvide, Abuxarda, Malveira, São Gabriel, Areia, Cabreiro — tinham sido o seu *habitat* durante os primeiros cinco anos; agora, o seu bairro era a secretária, a maldita esquadra.

Pensou no solitário da Azóia. Parecia-lhe uma personagem irrereal, saída de um livro. *Cícero*. Quem daria ao filho um nome daqueles? O reformado que perdera o cão e regressara ao local do crime. Só os criminosos regressam, concluiu, enquanto subia, a grande velocidade, a Rua da Torre, estacionando na lateral do cemitério.

Saiu do carro, apertou o oleado e enfiou a cabeça no enorme capuz. O vento fustigou-a, quase a derrubou. Por alguma razão, pensava em Tolstoi. Teria mesmo morrido numa estação de comboios? Teria o homem sido um *melancólico* se vivesse em Cascais e não na Rússia czarista, rodeado de piscinas azuis e SPA e discotecas de luxo, com o casino à disposição e uma mulher feita por medida? Quem é que se deprimia naquele lugar feito e refeito para evitar os estados moribundos?

Avistou a capela e apressou o passo. Era um edifício pequeno, cor-de-rosa-mortiço, ao lado do cemitério. Distava poucos metros das campas, provavelmente para dar despacho às *carças*. Se as pessoas soubessem que as grandiosas e recém-construídas instalações da PSP de Cascais não incluíam uma morgue — e que as autópsias eram feitas ali, numa cave húmida —, talvez se perguntassem para que servia afinal o dinheiro.

Empurrou o portão ferrugento, desceu as escadas. A escuridão envolveu-a. Bateu à porta de metal. Ninguém abriu, entrou sozinha. O cheiro era pestilento, e Pilar perguntou-se como era possível que alguém trabalhasse ali dentro. Agressivo e pungente, o odor era também estranhamente doce, como um pedaço de carne apodrecida coberto de perfume barato; éter, sangue, humidade.

Viu Assunção ao fundo da sala, a calçar umas luvas de látex. Só tinham falado uma vez, quando um homicídio, consequência colateral do tráfico de droga, fizera dois corpos assomar à Boca do Inferno; ainda agente de giro, fora à morgue com Donato, que brincou com os cadáveres — certamente dois *podres*, porque eram feiíssimos e um deles havia sido baleado no rosto — como se fossem bonecas insufláveis.

Pilar abraçou-se. O ambiente era ainda mais gelado do que no exterior. Assunção usava apenas uma bata branca; parecia não sentir a temperatura glacial, nem o cheiro daquele lugar fétido.

“É a primeira vez?”, perguntou o homem, de bisturi na mão, afastando-se da mesa onde repousavam dezenas de instrumentos metálicos — tesouras, agulhas, pinças, uma serra de ossos.

“Não”, respondeu ela. “Estive cá por causa dos afogados.”

Assunção — que era da altura dela, mas muito mais pesado, com óculos de lentes quadradas — fez uma longa pausa; parecia ter-se desligado da realidade, as mãos enluvadas paradas ao nível do peito.

“Dezoito de Julho de 2012”, afirmou, de súbito. “Dois indivíduos — um caucasiano, o outro hispânico. Um metro e oitenta e três, um metro e setenta e cinco. Ou setenta e seis, por aí.”

O médico-legista avançou para a sala contígua. Era o espaço que ela temia: a antiga sala mortuária da capela, onde os cadáveres passavam pelo delicado escrutínio das lâminas.

“... baleado duas vezes, abaixo da omoplata direita e em cheio no fígado, o outro de garganta estrangulada por um fio, provavelmente, uma linha de pesca.” Pigarreou. “Sim, lembro-me do caso.”

No interior da sala estreita, o frio era ainda mais intenso. Em cima de uma marquesa encontrava-se o cadáver, coberto até ao pescoço por um lençol branco. Era mais pequena do que se lembrava dela, deitada no lençol de água, na maré de Janeiro, naquela espécie de alcova que era a praia de Assentiz. Pilar aproximou-se, observou-a mais de perto. Devia ter sido uma rapariga bonita — o queixo longo, o nariz arrebitado, a boca pequena de lábios cheios, agora cinzentos, da cor do céu nas tempestades. A pele perdera o tom azulado da praia e passara a cinza-pálida. A subcomissária não conseguiu olhar para os buracos onde deviam estar os olhos de Charlie Drexler, cuja cor nunca chegou a ver.

Assunção aproximou-se do cadáver e passou-lhe a mão de látex pelo rosto. Debruçou-se sobre a marquesa, observou de perto o rosto da rapariga morta.

“Descobriu o corpo?”

“Mais ou menos”, disse Pilar. Assunção ia mexendo, sem qualquer emoção, nos contornos da defunta. “Um homem descobriu-o logo pela manhã. Um civil. Mas eu fui a primeira a chegar ao local.”

“Ah. A síndrome de Orfeu”, disse o médico, voltando bruscamente o rosto do cadáver de um lado para o outro. Pilar estava aos pés da marquesa, evitando olhar para os gestos bruscos de Assunção. A morte, para ele, era demasiado familiar.

# ÁGUAS PASSADAS

## UM THRILLER DE JOÃO TORDO

Durante treze dias de Janeiro, a chuva cai sem misericórdia sobre Lisboa. É quando aparece a primeira vítima, na praia de Assentiz: uma jovem de quinze anos. O seu corpo apresenta marcas de sofisticada malvadez. A primeira agente no local é Pilar Benamor, uma subcomissária da PSP cuja coragem e empenho em descobrir a verdade ocultam segredos dolorosos.

A vítima é Charlie, filha de um empresário inglês, mas logo o cadáver de um segundo crime — um rapaz de dezassete anos — aparece na floresta de Monsanto, em condições macabras. Estas duas mortes violentas abrem caminho a uma investigação que irá descarregar a alta sociedade portuguesa e o submundo do crime.



Ao longo desse inclemente mês de Inverno, Pilar desbrava caminho na investigação, contra tudo e todos e com a ajuda de Cícero, um misterioso eremita. Desobedecendo a ordens superiores e colocando a sua vida em risco, vai penetrar no mundo tenebroso de um psicopata, enquanto luta com os próprios fantasmas: um pai polícia, morto em serviço, um vício que a consome e a vulnerabilidade num mundo dominado por homens.





João Tordo apresenta um policial de ritmo imparável e delicada sensibilidade, que vai ao âmago dos nossos piores medos.

«Poucos autores portugueses têm unhas para o *thriller*, e Tordo sai vencedor da experiência.»

**João Céu e Silva**, *Diário de Notícias*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt  
  penguinlivros  
 companhiasdasletrasportugal

ISBN 9789897849510



9 789897 849510 >